

que não deixa de cumprir, com relação às artes, a função que tem *Hélade* com respeito aos textos.

Por todas as suas qualidades, *Estudos de História da Cultura Clássica* é indubitavelmente a melhor obra de conjunto sobre a Grécia antiga em língua portuguesa, o que o sucesso de sua recepção, desde a primeira edição, confirma. Multiplique-se o número de edições pelo número de exemplares de cada uma delas e faça-se uma projeção do número de leitores em cujas mãos, olhos, e inteligência o livro terá andado. A cifra será decerto alta. Entretanto, a frieza de um número não conseguiria expressar a importância deste livro para a formação de várias gerações de estudantes em Portugal e também no Brasil, incluindo daqueles que se enveredaram pelos estudos antigos aos que se dedicaram a outros temas, sabedores contudo de que a cultura clássica é a fonte e raiz dos que somos e pensamos. Ainda que difícil de medir, essa importância da obra da Professora Maria Helena da Rocha Pereira é incontestável. O que faz dela, no âmbito dos estudos clássicos em língua portuguesa, nada menos que um *clássico*.

JACYNTHO LINS BRANDÃO

Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade: Antologia da Cultura Grega*, 7.^a edição, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1998.

O Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra lançou, em fins de 1998, a sétima edição de *Hélade: Antologia da Cultura Clássica*, vasta seleção de textos organizados e traduzidos pela Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira.

Como advertia a autora no prefácio à 1.^a edição, com data de 1959, o livro foi concebido de forma a dotar os alunos da cadeira de História da Cultura Clássica de «um instrumento de trabalho que lhes

permitisse acesso às fontes utilizadas nas preleções, e, ao mesmo tempo, lhes fornecesse matéria para análise ideológica e comentário nas aulas práticas». Já na segunda edição acrescentavam-se mais de cem textos à seleção inicial, apresentando ainda a última mais alguns trechos dos Hinos Homéricos, de Píndaro, Estrabão e Pausânias. Assim, encontram-se representados, além da *Ilíada*, da *Odisséia* e dos Hinos Homéricos, sessenta e quatro autores, da época arcaica ao período romano, abrangendo campos tão diversificados quanto os da poesia épica, didática, religiosa, lírica, filosófica, trágica e cômica, além de, nos domínios da prosa, numerosos exemplos da produção de filósofos, historiadores, médicos, oradores, geógrafos, matemáticos e astrônomos.

Como se vê, não se trata de uma antologia de textos apenas literários, mas de uma autêntica antologia da cultura, capaz de permitir ao leitor o acesso a fontes em que, a par da sucessão cronológica de autores, pode ele acompanhar também a evolução de conceitos importantes – como os de excelência, sorte, sabedoria, felicidade – e de várias instituições, como os santuários, oráculos e festivais. Do mesmo modo, algumas figuras surgem matizadas pelo olhar de diferentes testemunhos, como é o caso de Sócrates, apresentado em trechos de Aristófanes, Xenofonte e Platão. Entre os próprios autores constata-se fecundo diálogo, de que o melhor exemplo se encontra nas avaliações, críticas ou elogiosas, sobre Homero, da parte de, por exemplo, Xenófanes, Heráclito, Heródoto, Xenofonte, Platão, Aristóteles, Estrabão e Pausânias.

A escolha criteriosa dos textos apresenta uma dupla vantagem: de um lado, através da ordenação histórica, mostrar a riqueza do ambiente cultural que cerca cada uma das obras, o qual, muitas vezes, leigos e mesmo os especialistas de diferentes áreas não dominam, limitando-se o conhecimento das fontes à disciplina de cada um; por outro lado, levar a perceber a própria teia que é a cultura, em que temas, problemas e concepções migram de um domínio do

conhecimento para outros, expressando-se em diferentes gêneros de discurso, sem exclusividades, ao sabor das necessidades das diversas épocas e dos diferentes autores. Um volume como o presente vem a ser, de fato, excelente instrumento de trabalho para o estudo do que hoje se chama de relações intertextuais, já que, a partir dos títulos em tudo exatos que a autora atribui a cada texto, o leitor pode, apenas percorrendo o índice geral, rastrear os temas recorrentes — para o que poderá ainda usar os índices de assuntos e de palavras gregas, caso queira aprofundar-se.

Ressalte-se também outra qualidade de *Hélade*: a preocupação da autora em combater um bom combate contra algumas idéias distorcidas e mesmo erradas que costumam ter larga difusão. Nesta linha, ressaltam alguns textos relativos aos mitos e, sobretudo, à religião, bem como, para citar um exemplo pontual, os testemunhos de Plutarco e de Arquimedes sobre a teoria heliocêntrica de Aristarco que, embora não se tenha tornado a dominante, é tão antiga quanto aquela que prevalece até a época de Copérnico (ou mais antiga que ela). O bom combate se faz assim sem alarde, ministrando-se conhecimento geral mas seguro e profundo, fato destacável numa época como a nossa em que generalidade passou a ser sinônimo de superficialidade.

Uma última palavra sobre as traduções. No prefácio da primeira edição, a autora justificava, quase desculpando-se, sua opção por manter-se o mais próximo possível dos textos gregos, em vista da finalidade didática do livro. A primeira consequência disso foi que verteu sob a forma de verso o que, em grego, está em verso, e em prosa o que é prosa. Mais ainda: respeitou a forma de exposição própria dos diferentes autores, sem cair na tentação fácil da paráfrase, destinada a adaptar os textos a eventuais hábitos ou gostos contemporâneos. Finalmente, registrou em notas alguns termos gregos para os quais nem sempre é fácil encontrar equivalentes exatos em português em todos os contextos, como λόγος, φρήν, μένος, θυμός,

ἀρετή, σοφός, μῦθος, etc.

Vale lembrar que a arte de traduzir é das mais espinhosas, pelo menos se o que nela se aventura não pretende trair o original, buscando antes o difícil equilíbrio entre todas as nuances que se expressam na língua de partida e as exigências próprias da língua de chegada. Não há dúvida de que a autora tem o dom délfico de não cometer excessos numa ou noutra direção, oferecendo um texto belo e elegante em português, sob o qual se vislumbram as qualidades e belezas dos textos gregos. Lembre-se que, por ocasião da primeira edição, traduzir em versos o que se encontrava em versos nos textos antigos representava um ato de coragem para os helenistas, os quais emprestavam excessivo valor à impossibilidade de reproduzirem-se, nas línguas modernas, os efeitos auditivos dos metros gregos. A autora, entretanto, percebe bem que o verso não é só efeito sonoro, mas a expressão de uma certa forma de pensamento. Assim, se a sonoridade se perde, preserva-se o ritmo expressivo, o que, num leitor contemporâneo, habituado às formas livres da poesia moderna, não provoca nenhuma espécie de estranheza, vindo a ser, no meu modo de entender, justamente esta a melhor forma de *traduzir* o efeito do verso antigo, ao transpô-lo da esfera auditiva para a visual.

Em suma, *Hélade* logra alcançar plenamente os objetivos que nortearam sua composição, do ponto de vista científico, cultural e pedagógico, a par de, como augura a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, no prefácio, poder proporcionar ao leitor «longas horas de prazer espiritual» e despertar nele «o interesse e o entusiasmo pela Antiguidade Clássica».

JACYNTHO LINS BRANDÃO